



# O representável e o irrepresentável: algumas ideias gerais

Norberto Carlos Marucco\*, Buenos Aires

*O trabalho começa com algumas abordagens filosóficas e psicanalíticas em relação ao conceito do representável. A partir daí faz uma incursão pela teoria freudiana da representação e pelas contribuições de André Green sobre a mesma. A seguir, o trabalho é integrado nas posições do autor no que se refere ao representável, ao não representável e ao irrepresentável. Em relação a isto, o autor define conceitos relacionados à prática e à técnica. Os temas do arcaico e da contratransferência são revisitados.*

*Descritores: o representável, o não representável, o irrepresentável, repetições narcisistas, repetições edípicas e marcas mnêmicas ingovernáveis, capacidade de rêverie do analista e o arcaico.*

---

\* Membro titular da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA).



## Introdução desde a metapsicologia<sup>1</sup>

O conceito de representação que provém da filosofia da consciência deve passar por um trabalho de acomodação epistemológica para poder ser incluído como conceito psicanalítico. Torna-se imprescindível, então, redefinir os termos *representação* e *o irrepresentável* desde a perspectiva psicanalítica; ou seja, delimitar seu estatuto dentro da metapsicologia, que constitui o fundamento teórico próprio da psicanálise. Daí a importância de resguardar a metapsicologia e de poder revisita-la, como fez Green em toda sua obra e particularmente no seu significativo livro *A metapsicologia revisitada* (1996).

No plano da psicanálise, a representação é concebida, por um lado, em virtude de uma conceitualização do aparato psíquico, cujo funcionamento se sustenta especialmente, embora não somente, na noção de inconsciente (com a conseguinte divisão do sujeito descentrado do plano da consciência). É fundamental retomar dois elementos da conceitualização filosófica para reconsiderar a problemática da representação: a ideia de que a mesma está relacionada com o conhecimento das coisas do mundo e a vinculação que se estabelece entre esta e as percepções, tanto presentes como passadas, que, de alguma maneira, fazem marcas no psiquismo. Por outro lado, embora eu considere que as teorizações psicanalíticas vinculam a representação à memória, elas colocam maior ênfase na íntima relação desse conceito com um aparato psíquico movido pelo desejo e pelo seu raizame pulsional que afunda suas raízes no inconsciente.

Lembremos que Freud (1915) sustenta que, na sua *natureza real*, tanto as coisas do mundo externo como as do mundo interno são incognoscíveis. Ou seja, que se conhecem com base na forma como se representam em cada sujeito, com as inevitáveis marcas impostas, além disso, pelo pulsional, por um lado, e pelo cultural, por outro.

Outro ponto importante a assinalar é que os diversos autores psicanalíticos não conseguiram formar uma definição única do conceito de representação. Por exemplo, em uma das teorizações mais atuais, o conceito foi substituído pela noção de *significante*. No entanto, em minha opinião, esta substituição tomada da linguística pareceria não resolver totalmente as coisas, já que deste modo o tema fica sujeito aos mais diversos mal-entendidos. De qualquer forma, independentemente de usar ou não o termo *significante*, é preciso destacar as

---

<sup>1</sup> Neste item, continuo ideias que Fanny Schkolnik desenvolveu no seu trabalho *Representação, significação e sublimação* (1998/99).



contribuições de alguns autores franceses que trabalharam estas linhas de investigação e que contribuíram para aprofundar a compreensão e a caracterização dessas primeiras inscrições que ocorrem no psiquismo anteriormente ao acesso à linguagem. Neste aspecto é justo reconhecer o conceito de *alucinação primária* como uma primeira abordagem da teoria da representação em Green. Assim como de contribuições como as de Rosolato (1984), que fala de *significantes de demarcação* para dar conta das marcas que ficam na memória das impressões, sensações ou experiências que, por fazerem parte de uma época prévia à aquisição da linguagem, ou pela sua intensidade excessiva, não podem ser postas em palavras.

Depreende-se do exposto acima que, apesar das complexidades que representa o uso do conceito de representação, não há um substituto melhor e que ele se sobrepõe a outros no peso metapsicológico adquirido pelo fato de pertencer às origens da teorização freudiana e de ter acompanhado, durante todos esses anos, os diferentes desenvolvimentos teóricos de diferentes autores psicanalíticos.

Uma nova dimensão surge ao admitir-se que algo se inscreve no psiquismo a partir dos primeiros contatos com o outro, embora essas marcas não fiquem vinculadas à palavra. Neste ponto é importante citar Laplanche (1996) com sua ideia de “a prioridade do outro na inscrição do psíquico”, Green (1996) com o conceito de “representante representativo da pulsão” e todos os autores que desenvolveram o conceito de trauma precoce como uma forma de inscrição daquilo que não pode ser representado. Então, de acordo com esta complexização do conceito de representação psíquica, existem, para a psicanálise, diferentes tipos de inscrições. Estas, por sua vez, poderão estar ou não disponíveis para a ressignificação necessária ao seu processamento no psiquismo.

Embora a prática clínica sugira, muitas vezes, pensar no *não representado*, falar do *irrepresentável* implicaria conceber que algumas das impressões provenientes da relação com o mundo e, particularmente, com esse outro a partir do qual o psiquismo foi fundado e estruturado, poderiam não resultar passíveis de qualquer inscrição psíquica.

É importante destacar aquilo que Green sugere em *A metapsicologia revisitada* acerca de que a noção de irrepresentável deveria ficar reservada para o que não pode ser inscrito como representante psíquico da pulsão e, em consequência, em virtude dessa carência, não tem a possibilidade de ingressar numa cadeia de representações governada pelo dizer inconsciente. O que não pode se transformar em psíquico daria origem a um excedente de energia que busca necessariamente se descarregar. Estas descargas no corpo, no ato, e também no pólo perceptivo (alucinatório), mostrariam cadeias do irrepresentável que passam a ocupar diferentes entidades nosológicas: o psicossomático, a própria



somatose, as patologias do ato, criminais e, inclusive, as patologias que têm a ver com transtornos psicóticos.

Naqueles casos em que não se chega à representação, o que está em jogo é um dos modos de funcionamento da pulsão de morte que foi descrito por Green (2010) como *função desobjetalizante*, cujos efeitos não apenas comprometem a relação com o objeto, mas também todos os substitutos do mesmo, como pode ser o próprio ego ou a própria ação da investidura. Trata-se aqui de outro conceito greeniano que, assim como o de *narcisismo negativo*, afeta o processo de objetualização que, em vez de orientar as investiduras do ego para a tendência à unidade, orienta-as para a procura do zero, dissociando-se, assim, a estrutura da destrutividade da agressividade erótica. Outros autores psicanalíticos, como Cesar e Sara Botella (1997) e eu mesmo (2005), aportamos uma referência para o irrepresentável remetendo-nos ao conceito de trauma. Sustento que o traumático não representado não seria proveniente somente da intensidade das percepções, mas da incapacidade de transformar uma vivência em algo psíquico. Essas vivências ficaram como parte daquilo que Freud denomina de *o soterrado*. Têm a ver com a inscrição (não a representação) das primeiras marcas, prévias à linguagem, que estão localizadas “em algum lugar e de algum modo”. Poder acessá-las é, nas palavras de Freud em *Construções na análise* (1937), apenas uma “questão de técnica”.

### **Abordagem clínica: ideias sobre o representável, o não representado e o irrepresentável**

Concebo o psiquismo humano como uma complexa estrutura na qual coexistem diferentes modos de funcionamento psíquico que denominamos *zonas psíquicas*. Estas se expressam através de diversas formas de repetição, determinando o aparecimento de diferentes tipos de angústia. É importante diferenciar dentro destas *zonas psíquicas* o vinculado com 1) o representável, 2) o não representável e 3) o irrepresentável.

1) Pertencem ao campo da representação as *repetições representativas*, que seriam aquelas vinculadas ao complexo de Édipo. Em outras palavras, seriam diferentes tipos de repetição das configurações edípicas através de um motor que é a compulsão à repetição erótica. A angústia que comanda esta zona é, fundamentalmente, a angústia vinculada à castração. O trabalho analítico para revelar este sistema representativo apoia-se na livre associação, na atenção flutuante e na interpretação.



2) O campo do não representado faria alusão à zona narcisista que compreende aquelas estruturas vinculadas à relação com o outro semelhante e com o ideal. Diante do surgimento do trauma de desamor, a criança teria criado diante de si um ideal ao qual vai consagrar o amor que antes lhe era consagrado pelo objeto. Esta construção (estrutura idealizada) constituiria a *marca* de algo que não é representável. O que se repete, que expressaria uma espécie de *solução narcisista*, é o trauma, o instante traumático prévio que se instala como uma realidade atual, repetitiva, que *eterniza* aquele mítico momento do desdém para manter acesa, de algum modo, a ilusão de um passado idealizado. Um território intermediário entre o representável e o irrepresentável será o ocupado por aquilo que realmente se repete.

Aqui a interpretação transferencial, juntamente com a construção conjetural da história esquecida e reprimida daquela criança mítica (lembranças encobridoras) serão necessárias para conjurar esta repetição *quase não representada*.

Por efeito do *trauma psíquico/pré-psíquico* (Roussillon, 1995) dessas marcas mnêmicas, *vivências do tempo primordial* (Freud, 1920), que fogem de qualquer significação possível pela sua incapacidade de ligadura com o processo secundário, denominei essas marcas de *ingovernáveis* (Marucco, 1999), marcas que, manifestando-se como repetições não representáveis e irrepresentáveis, bloqueiam o acesso terapêutico. Mas essas repetições compulsivas reclamam alguma possibilidade de ligadura para aquilo que se produziu antes do surgimento da linguagem. Não houve *tempos*, nem psiquismo suficientemente estruturado, para que o *traumático* pudesse ser contido pela representação e incluído nas regulações do princípio do prazer e, assim, entrar em roteiros representativos que o tornassem mais acessível ao trabalho analítico.

3) Para abordar o irrepresentável, farei uso do conceito-metáfora, que elaborei sobre o embrião da pulsão (Marucco, 2007), que nos aproxima dessa zona psíquica particular constituída antes do surgimento da linguagem. Este termo metafórico tenta definir os momentos originários do psiquismo nos quais a pulsão, sem chegar à representação, tende basicamente à descarga no ato ou no corpo. Momento do psiquismo, nas palavras de Green (2001), em que a pulsão é máximo de potência em ato e mínimo de significação. Além disso, este conceito de *embrião pulsional* permite localizar com precisão a constituição do psíquico próximo do conceito de implantação, tanto a partir do corpo quanto a partir do outro (Laplanche, 1989). Estamos longe do inconsciente reprimido e, por outro lado, muito próximos do caldeirão do id tão reivindicado pelo pensamento de Green. Considero, então, que esta zona psíquica onde se expressa a repetição em ato não habilitaria a pensar em um *outro inconsciente* mais próximo do pulsional, que é o que conteria isso



que, em *Construções na análise*, Freud designa como *o soterrado* ou *Verschüttet*.

Considero que o soterrado, ou o irrepresentável estaria, em Freud, próximo do conceito ao qual fiz alusão de maneira metafórica como *embrião pulsional*. Isto tem, em meu entendimento, dois caminhos e, na melhor das hipóteses, uma opção. Os dois primeiros: a passagem ao ato e/ou soma. A opção, que é, na verdade, uma transação, estaria na possibilidade de que esse embrião pulsional pudesse alcançar o desejo e, disfarçado de desejo, manifestar-se como sintoma. Diante disto, o caminho que a análise abre, como novo, para o sujeito é a criação, no encontro com outro (analista), de novas representações implicadas na dimensão do desejo. Em outras palavras, seria a possibilidade oferecida pela análise de incluir a repetição do soterrado no reprimido do inconsciente por via, seguramente, da capacidade de *rêverie* do analista.

Por exemplo, os aportes de Green (1990) sobre a relação intrusão/ausência do objeto nos aproximam, no arcabouço da presença-ausência do *setting* analítico, da possibilidade de inverter os termos desse máximo de potência e mínimo de significação como define o ato pulsional, produzindo o aumento desta última; ou seja, da significação e a conseqüente diminuição da primeira (ou seja, da potência em ato).

Desta maneira, tento somar minhas abordagens ao irrepresentável que, não encontrando significação, ficará prisioneiro da compulsão repetitiva mortífera encoberta e expressa pelo destino e também pelo assassinato do tempo enfatizado por Green.

Para finalizar, considero que a psicanálise contemporânea enfrenta o desafio apresentado por três tipos de repetição: a representativa (edípica), a repetição daquilo não representado (narcisista) que pode adquirir representação e a do assim chamado irrepresentável (marcas mnémicas ingovernáveis que às vezes se disfarçam como destino). Diante desta última repetição, variam, por sua vez, as posições do analista, que oscilam entre considerar as *neuroses do destino* como limite, ou então como possibilidade de ampliar novamente as condições de analisabilidade. □

## Abstract

### **The representable and the irrepresentable: some general ideas**

The paper initiates with some philosophical and psychoanalytical approaches in regard to the concept of the representable. From this point on the author reviews freudian theory on representation as well as Green's contributions to it. Afterwards,



the paper integrates in the author's positions in regard to the representable, the non-representable, and the irrepresentable. In this relation to that, the author defines concepts regarding practice and technique. The archaic and countertransference themes are revisited.

Keywords: the representable, the non-representable, and the irrepresentable, narcissistic repetitions, edipical repetitions, and ungovernable mnemonic marks, the analyst capacity for *rêverie* and the archaic.

## Resumen

### **Lo representable y lo irrepresentable. Algunas ideas generales**

El trabajo comienza con algunas aproximaciones filosófica y psicoanalíticas en relación con el concepto de lo representable. A partir de ahí hace una incursión en la teoría freudiana de la representación y en los aportes de André Green con respecto a la misma. A continuación, el trabajo se integra en las posiciones del autor con respecto a lo representable, lo no representable y lo irrepresentable. En relación a esto, el autor define conceptos relacionados con la práctica y la técnica. El tema de lo arcaico y la contratransferencia son revisitados.

Palabras llave: lo representable, lo no representable, lo irrepresentable, repeticiones narcisistas, repeticiones edípicas y huellas mnémicas ingobernables, capacidad de ensoñación del analista y lo arcaico.

## Referências

- Botella C. y Botella S. (1997). *Más allá de la representación*. Valencia: Promolibro.
- Freud, S. (1915). *Lo inconsciente*. In *Obras completas*, (Vol. 14, pp. 153-201). Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1920). *Más allá del principio del placer*. In *Obras completas*, (Vol. 18, pp. 21-22). Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1937). Construcciones en el análisis. In *Obras completas*, (Vol. 23, pp. 262-268). Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (1990). *De locuras privadas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (1996). *La metapsicología revisitada*. Buenos Aires: EUDEBA.
- \_\_\_\_\_. (2001). *El tiempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (2010). *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (1989). *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.



Norberto Carlos Marucco

---

- \_\_\_\_\_. (1996). *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Marucco, N. (1999). *Cura analítica y transferencia*. Buenos Aires: Amorrortu.
- \_\_\_\_\_. (2005). Actualización del concepto de trauma en la clínica psicoanalítica. *Rev. de Psicoanálisis*, 63, 9-19.
- \_\_\_\_\_. (2007). Entre el recuerdo y el destino: la repetición. *Rev. de Psicoanálisis*, 29, 101-122.
- Rosolato, G. (1984). Destin du signifiant. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 30.
- Roussillon, R. (1995). *Paradojas y situaciones fronterizas del psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Schkolnik, F. (1998). Representación, resignificación y simbolización. *Rev. de Psicoanálisis*, 6, 301-326.

Recebido em 12/12/2012  
Aceito em 14/01/2013

Tradução de **Beatriz Affonso Neves**  
Revisão técnica de **Rosane Poziomczyk**

**Norberto Carlos Marucco**  
San Luis 3364  
CP 1186 – Buenos Aires – Argentina  
e-mail: marucco@fibertel.com.ar

© Associação Psicanalítica Argentina  
Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA